‘As experiências da mulher negra não são limitadas à solidão’

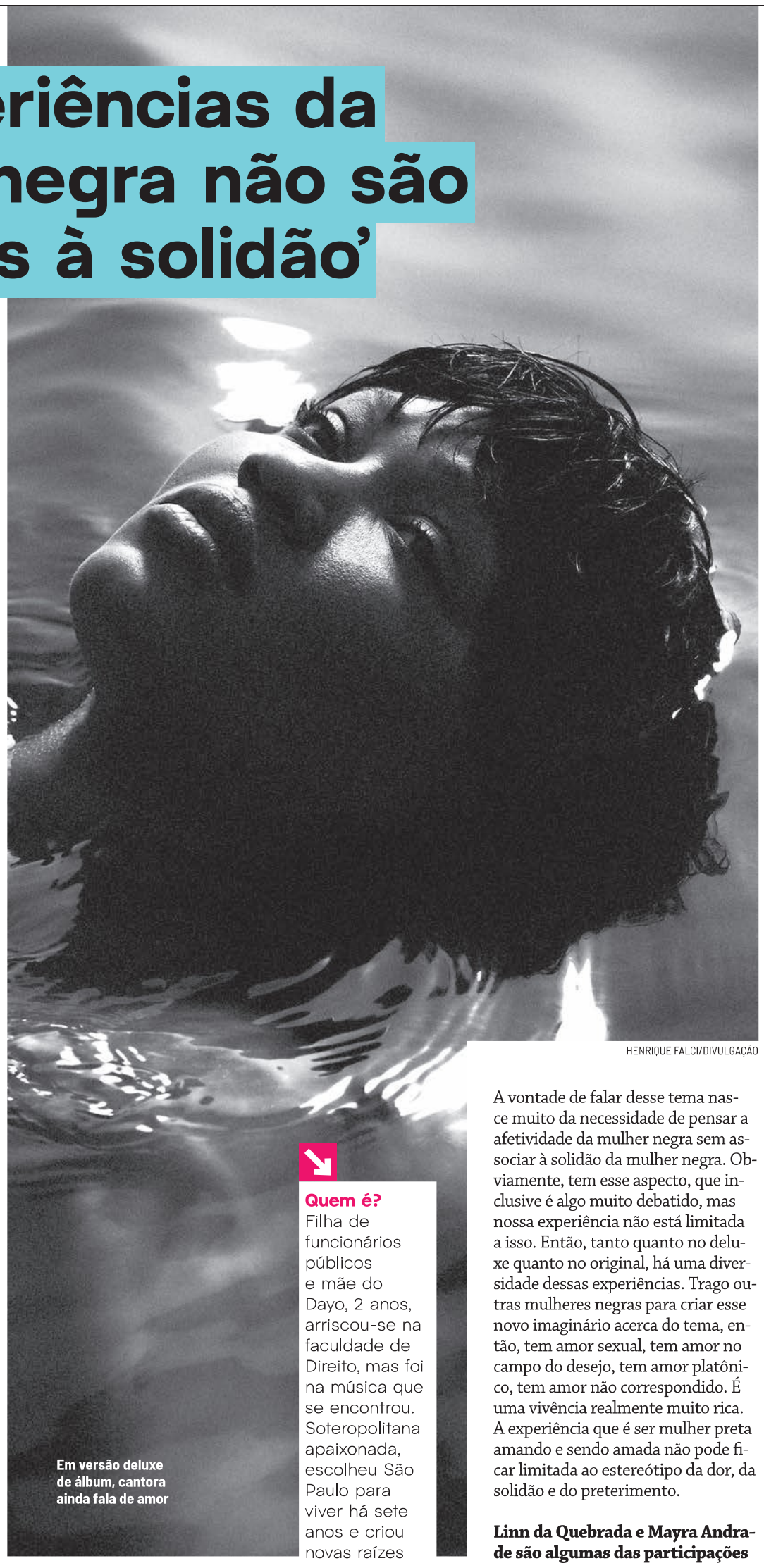
Com a palavra

LUEDJI LUNA

Cantora nascida em Salvador, 35 anos, indicada ao Grammy



Angela Corrêa
angela.correa@orbi.news



HENRIQUE FALCI/DIVULGAÇÃO

Em versão deluxe de álbum, cantora ainda fala de amor

Um recorte do racismo estrutural facilmente identificável é a chamada “solidão da mulher negra”, que mostra a rejeição que elas podem sofrer quando se relacionam. Mas a afetividade da mulher negra não se restringe a preterimento. E é isso que Luedji Luna continua falando na versão deluxe do álbum “Bom Mesmo é Estar Debaixo D’Água”. O álbum original, de 2020, já tratava dessa perspectiva, mas a recém-lançada atualização está cheia de participações especiais e produção caprichadíssima.

Fale sobre o processo de composição para os álbuns.
A maioria são canções que tenho há anos em um caderninho. Tem a primeira música que compus na vida, aos 17 anos, depois do primeiro beijo (“Pele”). Canções de quando era mais jovem, ainda em Salvador. Dei vida a essa Luedji adolescente. É um outro olhar sobre o amor, sobre o que uma jovem espera. Na maturidade, a expectativa é outra. Esse disco tem outra estética: o modo como estou cantando, as participações gringas (como a cantora americana Mereba e seu conterrâneo, o rapper Odissee, além de produtores, como o queniano Kato Change) pela primeira vez e as letras, porque a escrita de quando eu comecei é diferente da que eu estou fazendo agora, aos 35 anos.

Como foi abordar o amor pela perspectiva da mulher negra?
A vontade de falar desse tema nasce muito da necessidade de pensar a afetividade da mulher negra sem associar à solidão da mulher negra. Obviamente, tem esse aspecto, que inclusive é algo muito debatido, mas nossa experiência não está limitada a isso. Então, tanto quanto no deluxe quanto no original, há uma diversidade dessas experiências. Trago outras mulheres negras para criar esse novo imaginário acerca do tema, então, tem amor sexual, tem amor no campo do desejo, tem amor platônico, tem amor não correspondido. É uma vivência realmente muito rica. A experiência que é ser mulher preta amando e sendo amada não pode ficar limitada ao estereótipo da dor, da solidão e do preterimento.

Linn da Quebrada e Mayra Andrade são algumas das participações especiais. Como você as escolheu?
Foi muito por afinidade. São pessoas com as quais eu já tenho uma afinidade, já tenho relação. São pessoas que eu já gosto como falam, como escrevem, como cantam. Era importante que estivessem no álbum.

Você costuma dizer que o primeiro ‘Bom Mesmo é Estar Debaixo D’Água’ é sua segunda criança, já que seu filho Dayo também nasceu em 2020. Como está essa relação no pós-pandemia?
Mudou muito mesmo. No início, eu fui mais mãe do que cantora, sem poder fazer shows, sem sair, sempre dentro de casa. Ele teve a mãe à disposição por mais de um ano, até a gente abrir as coisas e tal. Agora, ele está tendo menos, mas também tem a própria agenda, vai à escola. Mas ele tem saudade e a demanda dele. Acho que é importante e é algo que eu fui aprendendo a conciliar na medida em que o trabalho foi aumentando. Agora sim estou aprendendo o que é ser mãe profissional e conciliar carreira e maternidade.

Como foi a experiência de cantar no Grammy Latino (em novembro, em Las Vegas)?
A apresentação foi ótima, embora a mídia não tenha dado muito destaque para esse grande momento da minha carreira e, eu acho, histórico no Brasil. Eu amei a experiência, estava supernervosa. É uma superprodução, tudo megalomaníaco, grandioso, mas eu amei a experiencia e poderia ter sido mais celebrada. Fiquei um pouco triste porque é como se nada tivesse acontecendo na minha carreira. Uma indicação a uma categoria supertradicional que é o prêmio de melhor álbum de musica brasileira e cantar no Grammy, que é algo que poucas mulheres negras fizeram, sobretudo da MPB.

Além de debaixo d’àgua, onde você se sente confortável?
Bom mesmo é estar dentro de casa (risos). Porque com essa vida que eu vivo, minha filha, o lugar de conforto é minha casa, minha cama, meu filho debaixo do meu sovaco, Netflix, isso que é bom.

Como é sua relação com a cidade de São Paulo?
São Paulo é uma cidade supergenerosa. Me deu uma carreira, foi aqui que eu construí minha carreira. Foi aqui, também, que eu conheci meu terreiro, aqui fui iniciada no candomblé e foi aqui também onde eu pari meu filho. É uma cidade onde eu habito, apesar de eu amar Salvador, obviamente. Mas São Paulo é a cidade que me acolheu. A mim, a meu sonho, a minha família. Eu amo.

Quem é?
Filha de funcionários públicos e mãe do Dayo, 2 anos, arriscou-se na faculdade de Direito, mas foi na música que se encontrou. Soteropolitana apaixonada, escolheu São Paulo para viver há sete anos e criou novas raízes